



Cento e três Cieps estão inacabados. Para concluir o Ciep de Imbariê (Baixada Fluminense), por exemplo, seria necessário US\$ 1,3 milhão

Ciep precisa de NCz\$ 4,5 bilhões

A intenção do presidente eleito, Fernando Collor de Melo, de destinar verbas federais para a conclusão dos 103 Cieps inacabados em todo o Estado do Rio vai custar US\$ 133,9 milhões (NCz\$ 4,5 bilhões, no dólar oficial). A estimativa se baseia em cálculos da Emop (Empresa de Obras Públicas), do Governo do Estado, que apontam a necessidade de se gastar, em média, US\$ 1,3 milhão para acabar cada Ciep e deixá-lo pronto para entrar em funcionamento. Mas, se Collor quiser ver montados os 77 Cieps cujas peças estão estocadas por falta de verbas, serão necessários mais US\$ 154 milhões.

A situação da maioria dos 103 Cieps inacabados é a mesma desde 1987, quando o governador Moreira Franco assumiu. As 500 unidades anunciadas por Leonel Brizola representavam, na realidade, o total de 124 Cieps concluídos, embora apenas 113 em funcionamento, e 218 terrenos completamente vazios, sem sequer fundações para a montagem dos prédios. A atual administração do estado conseguiu colocar mais 66 unidades em funcionamento a partir de 1987 e, hoje, apenas 179 escolas daquele modelo estão sendo utilizadas. Algumas, entretanto, estão ocupadas por desabrigados desde 1988 e apresentam sérios problemas estruturais.

Dos 103 Cieps inacabados, 41 foram entregues à Prefeitura do Rio no ano passado. Para terminar as obras paralisadas e realizar a manutenção das unidades em funcionamento, a Secretaria Municipal de Obras elaborou programa em conjunto com a Riocope e a Rio Urbe, que prevê quatro etapas: manutenção emergencial dos Cieps em operação; reforma e recuperação de outras unidades com problemas mais graves, orçadas em 2 milhões 607 mil BTNs; conclusão dos 41 Cieps entregues pelo estado, obras avaliadas em 5 milhões de BTNs (algumas em fase de licitação e outras concluídas); e manutenção preventiva das escolas, ao custo de 31.500 BTNs por ano para cada Ciep. Essa última etapa, entretanto, só será alcançada quando as anteriores, mais difíceis de serem cumpridas, forem vencidas.

Além da Prefeitura do Rio, as administrações dos municípios de Campos, Itaboraí, Nova Iguaçu e Vassouras receberam Cieps, mas apenas a de Itaboraí e a de Vassouras tiveram condições de exe-

cutar as obras. Os dois Cieps de Campos permanecem inacabados porque o prefeito Antony Garotinho (PDT) preferiu a solução dos *lelés* — escolas de argamassa armada — como forma de ampliar a rede de ensino do município. Cada *lelé* custa aos cofres públicos cerca de US\$ 400 mil, enquanto a construção de um Ciep novo está avaliada em US\$ 2 milhões. O Governo do Estado ainda é responsável por 38 Cieps. Municípios como Angra dos Reis e São Gonçalo ainda não acertaram o repasse dos Cieps porque se consideram sem condições financeiras para executar as obras.

Os Cieps de Porciúncula e de Silva Jardim estão sendo concluídos pelo estado com verbas federal e estadual, respectivamente, e o de São João da Barra terá concluída a biblioteca, para que o Núcleo de Educação Educação e Cultura local, que funciona em prédio alugado, possa se transferir para lá. Os altos custos de construção dos Cieps fizeram com que o governador Moreira Franco tentasse substituir o modelo idealizado no governo Brizola pelas escolas modulares, que ficaram conhecidas como *moreirinhas*. Além de custarem um quarto de um Ciep (US\$ 500 mil), essas escolas contariam com a mesma área de utilização de um Ciep, com 16 salas de aula, refeitório, cozinha, área de esportes e biblioteca. As *moreirinhas*, entretanto, esbarraram no agravamento da crise financeira e são poucas as escolas desse tipo no estado.

A secretária estadual de Educação, Fátima Cunha, afirmou ontem em entrevista coletiva que o Governo do Estado estará pronto a ajudar o presidente eleito caso ele decida investir na conclusão dos Cieps. "Já trabalhei com os Cieps, fiz duas teses sobre o assunto e viajei a América Latina discutindo o projeto. Estou à disposição para o que for preciso", disse. Fátima acredita que Collor fará adaptação dos modelos originais, além de aproveitar os já em andamento. "O projeto original é muito caro para um retorno pequeno nas comunidades, já que só comporta no máximo 600 alunos. Não conheço nenhum país do mundo que precise ter um modelo físico de escola para ter um modelo de educação", concluiu.